

Redacção e administração  
R. de S. Martinho  
Aveiro

# POVO DE AVEIRO

Officina de impressão  
R. de S. Martinho, AVEIRO  
EDITOR, João Pinto Evangelista

SEMANARIO REPUBLICANO

Numero 90

**ASSIGNATURAS**  
AVEIRO—Um anno, 1\$200 réis. Semestre, 600. Fóra de Aveiro, um anno 1\$300. Semestre 650 réis. Brazil e Africa, anno 2\$500. Semestre, 1\$500 réis (fortes).  
**PAGAMENTO ADIANTADO**

**PUBLICA-SE AOS DOMINGOS**

**Publicações**  
No corpo do jornal, cada linha, 40 réis. Anuncios, cada linha, 30 réis. Permanentes, mediante contrato.  
Os ars. assignantes tem desconto de 30 por cento.  
**NUMERO AVULSO, 30 REIS**

2.º ANNO

## A QUESTÃO CLERICAL

Somos bem do numero d'aquelles para quem o decreto do governo não constituiu surpresa nenhuma. Ainda o provámos claramente no ultimo artigo!

Mais. Não só não fomos illudidos, como vinhamos de ha muito manifestando a nossa irritação e a nossa indignação contra os que consciencie ou inconscientemente se mostravam illudidos.

Irritação contra os estupidos, contra os ingenuos, contra os puros. Elles não tinham culpa nenhuma da sua estupidez. Mas nós tambem não. E em egualdade de irresponsabilidade a nossa irritação era legitima.

Indignação contra os tratantes que, dizendo-se liberaes, que, tendo professado, algumas, idéas ultras em politica e em religião, vinham aproveitando um movimento sincero para a mais ignobil clantage jornalística que se tem feito nos ultimos annos.

Asquerosos reptis, cuja existencia desafogada e rica, cuja malandrice folgada e impune bem acaba de demonstrar a degradação d'este paiz, no momento historico que vae decorrendo!

Estupidos tambem. Se o não fossem, seriam mais moderados na sua propaganda a favor do patrão que lhes paga. Mais moderados, sim. Quem mais alto sobe, mais arriscado fica a esborrachar-se, se não se segura. Os réclames feitos ao liberalismo dos *altos personagens* eram tanto mais perigosos quanto mais estes viessem a faltar no apregoado e prometido.

E faltaram. E os reptis apenas tiveram occasião de mostrar novamente a peçonha que os farta.

Illudidos! Quem se deixaria illudir se não quem, como em successivos artigos aqui o dissémos, tivesse perdido o juizo? Pois os homens que fizeram a reforma da homenia de Lisboa, os homens que não contentes com uma lei monstruosa sobre reunião e imprensa, ainda nem com essa monstruosidade se contentam, lançando mão de todas as arbitrariedades, as mais revoltantes, as mais indignas, para abafar o pensamento, é que haviam de libertar a consciencia da nação do jugo clerical que pesa sobre ella ha mais de tres seculos?

Pois d'estes homens servis, que rastejam deante da força, sempre promptos, desde o mais alto até ao mais baixo, a engular affrontas, desde que ellas venham de quem mais possa e valha, pois de tudo isso que nos manda, de tudo isso que tem recuado sempre deante d'uma ameaça, d'uma imposição severa, de tudo isso que em todo o mundo tem curvado a cabeça deante de quem tem espingardas e canhões, sem uma resposta de brio, sem um arroganço de dignidade, sem uma d'essas nobres attitudes de vencidos, que a historia mais louva e glorifica que as brutalidades dos vencedores, é que havia de surgir a imposição da lei e um papa audacioso que a despreza, a quem Vaticano que só no tempo do Marquez de Pombal deixou de nos humilhar e desprezar?

Pois havia tratantes com a pretensão ridicula de convencer de tal os espiritos cultos d'este paiz?

O decreto do governo havia de ser aquelle. Não podia ser outro. Definiu-se logo desde o primeiro instante. Ainda a commissão liberal do Porto não tinha ido a Lisboa, ainda o rei não tinha falado e já o sr. Hin-

tze Ribeiro no parlamento e os seus partidarios nos periodicos annunciavam o decreto que veio. Atrave-se o jornal *Novidades* a dizer que não esperava tanto do governo. Como se manga da eterna palermice d'este paiz! Como se abusa do espirito lorpa que caracteriza a nação! Não esperava tanto! Pois o governo não prometteu, logo que foi interpellado nas camaras, fazer alguma coisa sobre a questão, accrescentando comtudo que não era possivel cumprir as leis integralmente? Pois não foi isto que elle disse, por estas ou outras palavras? Não era esta a sua attitude antes das palavras do rei, que tantos réclames provocaram em certa imprensa? O que augmentou a decantada intervenção do rei? O que diminuiu? Nada, por isso mesmo que o decreto vem tal qual as linhas geraes traçadas pelo sr. Hintze Ribeiro desde o primeiro dia em que foi interpellado nas camaras, assim que o incidente Calmon poz na ordem do dia a questão religiosa.

Nada. A intervenção do rei foi nulla. Estes são os factos, digam o que disserem. E não somos nós que censuramos o rei, por isso que, como ainda dissemos no ultimo artigo, se todos o querem absoluto não o queremos nós. Mas se não foi nulla, se assim o impõem os lisongeiros compromettedores, se assim o pretendem os servis repugnantes, então a sua mageste deve nos uma situação peor que a anterior.

Esta é a logica.

Tudo, insistimos, tudo indicava desde o principio o decreto tal qual elle veio. Assim o definiu o sr. Hintze Ribeiro, assim o definiram a *Tarde*, o *Popular*, todos os periodicos affectos á situação, desde que se trocaram as primeiras palavras sobre o assumpto. E' certo que o sr. Hintze Ribeiro já disse vergenhosamente em pleno parlamento, vergenhosamente porque nem os ministros dos antigos regimens proferiam expressões equivalentes, pelo contrario, é certo que o sr. Hintze Ribeiro disse: *o governo não dá ordens a sua mageste; recede-as do seu soberano e cumpre-as*; mas, então, já o sr. Hintze Ribeiro tinha recebido essas ordens quando pela primeira vez abriu a bocca nas camaras sobre o assumpto; então, não havia motivo para tantos foguetes e tantas palmas desde que a commissão dos liberaes do Porto foi recebida no paço real.

Comtudo, as *Novidades* não esperavam tanto!

D'estas audacias só em Portugal. Só com este povo de analfabetos, pobres brutinhos inconscientes. Só com uma classe dirigente corrompida e degradada até á ultima expressão.

O governo consentia os comicios d'egreja. O governo consentia as conferencias, as reuniões, as conspirações realisadas nos palacios episcopaes. O governo deixava impune o patriarcalismo. O governo não se impunha ao nuncio nem ao papa depois da carta escandalosa escripta por este ao Frei José dos Quaresmas. O governo, que prohibia as reuniões dos liberaes, os seus comicios e as suas conferencias, o governo, que apprehendia e processava os periodicos que combatem a reacção sem subterfugios nem sophismas, não processava os padres que incitavam do pulpito as multidões a revoltar-se contra as leis do paiz, não impunha silencio aos masmarras que nos pulpitos e nos jornaes aconselhavam o recuso da força, pregavam a guerra civil, faziam a apologia do bacamarte, injuriavam os liberaes e a liberdade, e as *Novidades* não esperavam

garão um real para nenhum culto; que nenhuma dotação perpetua ou transitoria poderia ser estabelecida em favor dos cultos; que nenhum signal exterior poderia indicar o culto que se exercia em tal ou tal logar ou edificio. Este decreto, completando o de 17 de setembro anterior, era a separação absoluta da Igreja do Estado.

O decreto do 11 prairial anno III (30 de maio de 1795) dizia, em resumo, que a Republica não fornecia edificio especial para o exercicio do culto nem alojamento dos sacerdotes; que as egrejas serviriam para o exercicio de todos os cultos e para as reuniões publicas ordenadas pela lei, como comicios, assembleias eleitoraes, todas as reuniões destinadas ao exame e discussão dos negocios publicos; que essas egrejas não teriam distinctivo nem signal exterior de nenhuma religião; que todas as ceremonias religiosas ficavam prohibidas nos adros e nas ruas; que nenhum sacerdote ou ministro de qualquer religião podia apparecer nas ruas com os trajes ou distinctivos do seu sacerdocio; que ficavam prohibidos todos os convites ou proclamações para as ceremonias religiosas, fosse qual fosse a religião.

Os decretos de 20 fructidor anno III (6 de setembro de 1795) 7 vendémiaire anno IV (29 de setembro de 1795) desenvolviam os anteriores e fixavam as condições em que o padre poderia exercer a sua missão.

Taes eram as leis republicanas, taes os principios affirmados pela gloriosa Revolução, principios para que tende sempre a democracia. Tem sido contrariados? Tem sido estorvados? Tem sido vencidos pela reacção? Nada d'isto lhes tira o seu caracter republicano. Nada impede que elles continuem sendo o evangelho da democracia universal.

Mas que paridade existe entre as leis portuguezas e as da actual republica franceza em questões religiosas? Que comparação pôde haver entre a situação religiosa e politica da França e a situação de Portugal? Absolutamente nenhuma.

Napoleão, que atraiçoou os principios republicanos, que quiz chamar ao seu partido as forças reacconarias, encheu o clero de privilegios e favores e fez a concordata. A concordata, como o proprio nome diz, é um accordo com a Santa Sé, assignado em Paris a 15 de julho de 1801 (26 mesidor anno IX) e pelo qual Pio VII e Bonaparte tomavam mutuos compromissos.

Se Bonaparte atraiçoou os principios republicanos, a restauração procurou apaga-los de todo. Assim, as leis de 2 de janeiro de 1817 e 25 de maio de 1825, a primeira relativa ás doações e legados religiosos e a segunda relativa á auctorização e existencia legal das congregações e comunidades religiosas de mulheres, acabaram de destruir a obra da Revolução.

Foi esta a situação que encontrou a actual republica franceza e contra ella, mais ou menos, reagiu desde o primeiro instante. A vida ephemera da republica de 1848 não se pôde contar como elemento de apreciação. A actual republica franceza encontrou a concordata, reforçada pelas leis de 1817 e 1825. Por essas leis as congregações religiosas eram permitidas em França. Todas? Não. Mas muitas d'ellas.

Como se vê, um caso inteiramente differente do que se dá em Portugal!

Disse o sr. Pinto de Mesquita, na reunião liberal do Porto, que a lei chamada de Anselmo Braancamp não

«A Convenção decreta:  
Art. I.—A Republica Franceza não paga mais as despesas nem os salarios de nenhum culto.»

O decreto de 3 ventôse anno III (21 de fevereiro de 1795) diz, em resumo, que nem o Estado, nem os departamentos, nem as communas pa-

garão um real para nenhum culto; que nenhuma dotação perpetua ou transitoria poderia ser estabelecida em favor dos cultos; que nenhum signal exterior poderia indicar o culto que se exercia em tal ou tal logar ou edificio. Este decreto, completando o de 17 de setembro anterior, era a separação absoluta da Igreja do Estado.

O decreto do 11 prairial anno III (30 de maio de 1795) dizia, em resumo, que a Republica não fornecia edificio especial para o exercicio do culto nem alojamento dos sacerdotes; que as egrejas serviriam para o exercicio de todos os cultos e para as reuniões publicas ordenadas pela lei, como comicios, assembleias eleitoraes, todas as reuniões destinadas ao exame e discussão dos negocios publicos; que essas egrejas não teriam distinctivo nem signal exterior de nenhuma religião; que todas as ceremonias religiosas ficavam prohibidas nos adros e nas ruas; que nenhum sacerdote ou ministro de qualquer religião podia apparecer nas ruas com os trajes ou distinctivos do seu sacerdocio; que ficavam prohibidos todos os convites ou proclamações para as ceremonias religiosas, fosse qual fosse a religião.

Os decretos de 20 fructidor anno III (6 de setembro de 1795) 7 vendémiaire anno IV (29 de setembro de 1795) desenvolviam os anteriores e fixavam as condições em que o padre poderia exercer a sua missão.

Taes eram as leis republicanas, taes os principios affirmados pela gloriosa Revolução, principios para que tende sempre a democracia. Tem sido contrariados? Tem sido estorvados? Tem sido vencidos pela reacção? Nada d'isto lhes tira o seu caracter republicano. Nada impede que elles continuem sendo o evangelho da democracia universal.

Mas que paridade existe entre as leis portuguezas e as da actual republica franceza em questões religiosas? Que comparação pôde haver entre a situação religiosa e politica da França e a situação de Portugal? Absolutamente nenhuma.

Napoleão, que atraiçoou os principios republicanos, que quiz chamar ao seu partido as forças reacconarias, encheu o clero de privilegios e favores e fez a concordata. A concordata, como o proprio nome diz, é um accordo com a Santa Sé, assignado em Paris a 15 de julho de 1801 (26 mesidor anno IX) e pelo qual Pio VII e Bonaparte tomavam mutuos compromissos.

Se Bonaparte atraiçoou os principios republicanos, a restauração procurou apaga-los de todo. Assim, as leis de 2 de janeiro de 1817 e 25 de maio de 1825, a primeira relativa ás doações e legados religiosos e a segunda relativa á auctorização e existencia legal das congregações e comunidades religiosas de mulheres, acabaram de destruir a obra da Revolução.

Foi esta a situação que encontrou a actual republica franceza e contra ella, mais ou menos, reagiu desde o primeiro instante. A vida ephemera da republica de 1848 não se pôde contar como elemento de apreciação. A actual republica franceza encontrou a concordata, reforçada pelas leis de 1817 e 1825. Por essas leis as congregações religiosas eram permitidas em França. Todas? Não. Mas muitas d'ellas.

Como se vê, um caso inteiramente differente do que se dá em Portugal!

Disse o sr. Pinto de Mesquita, na reunião liberal do Porto, que a lei chamada de Anselmo Braancamp não

«A Convenção decreta:  
Art. I.—A Republica Franceza não paga mais as despesas nem os salarios de nenhum culto.»

O decreto de 3 ventôse anno III (21 de fevereiro de 1795) diz, em resumo, que nem o Estado, nem os departamentos, nem as communas pa-

garão um real para nenhum culto; que nenhuma dotação perpetua ou transitoria poderia ser estabelecida em favor dos cultos; que nenhum signal exterior poderia indicar o culto que se exercia em tal ou tal logar ou edificio. Este decreto, completando o de 17 de setembro anterior, era a separação absoluta da Igreja do Estado.

O decreto do 11 prairial anno III (30 de maio de 1795) dizia, em resumo, que a Republica não fornecia edificio especial para o exercicio do culto nem alojamento dos sacerdotes; que as egrejas serviriam para o exercicio de todos os cultos e para as reuniões publicas ordenadas pela lei, como comicios, assembleias eleitoraes, todas as reuniões destinadas ao exame e discussão dos negocios publicos; que essas egrejas não teriam distinctivo nem signal exterior de nenhuma religião; que todas as ceremonias religiosas ficavam prohibidas nos adros e nas ruas; que nenhum sacerdote ou ministro de qualquer religião podia apparecer nas ruas com os trajes ou distinctivos do seu sacerdocio; que ficavam prohibidos todos os convites ou proclamações para as ceremonias religiosas, fosse qual fosse a religião.

Os decretos de 20 fructidor anno III (6 de setembro de 1795) 7 vendémiaire anno IV (29 de setembro de 1795) desenvolviam os anteriores e fixavam as condições em que o padre poderia exercer a sua missão.

Taes eram as leis republicanas, taes os principios affirmados pela gloriosa Revolução, principios para que tende sempre a democracia. Tem sido contrariados? Tem sido estorvados? Tem sido vencidos pela reacção? Nada d'isto lhes tira o seu caracter republicano. Nada impede que elles continuem sendo o evangelho da democracia universal.

é lei. Incontestavelmente. Mas nem nós precisamos d'ella. Bastam-nos as leis que são leis e por estas não ha, não pôde haver congregação de qualidade nenhuma, ou contemplativa, ou de ensino, ou de beneficencia.

Waldeck-Rousseau apoia-se, em sentido progressivo, nas leis do seu paiz Hintze Ribeiro destroe as leis existentes fabricando outras em sentido reacconario.

A vida da terceira republica franceza tem sido uma lucta constante contra o clericalismo, lucta de imprensa, de comicios, de reuniões populares de qualquer natureza, de conferencias, de parlamento e de cathedra. A monarchia portugueza tem-o auxiliado sempre.

A força do clericalismo em França não tem comparação alguma com a força do clericalismo em Portugal.

Os principios republicanos andaram vencidos até 1870. Nesta data a republica surgiu com um tremendo desastre. Preciso de avançar com cautella. Mas avançou e avança sempre. Contra os principios republicanos ergueu-se uma espada de enorme prestigio como a de Buonaparte; os desastres a que este arrastou a França, deixaram em plena liberdade a reacção.

Em Portugal succedeu precisamente o contrario. A espada vencedora estava nas mãos dos liberaes e nas mãos d'elles ficou até hoje. Aqui a reacção é que foi vencida em 1834 e vencida de vez. Não levantou mais attrietos ao poder, não tinha força para os levantar.

A constituição religiosa da França é inteiramente differente da nossa. Por um lado é mais livre quando reconhece quatro religioes no estado. Porque a bandalheira, que anda ali a dizer que Waldeck-Rousseau não fez mais do que Hintze Ribeiro, a bandalheira, que embora escreva porque lhe pagam, não deixa por isso de ser d'uma estupidez suina, tambem ignora completamente que o estado francez não subsidia só o culto catholico. O estado francez reconhece e paga quatro cultos: o catholico romano, o protestante, o musulmano e o israelita. Embora seja um pouco absurdo um estado com quatro religioes, quando o racional seria não ter nenhuma, certo é que n'esse facto ha mais liberdade e mais egualdade religiosa.

Portanto, a lei franceza é mais livre quando não reconhece exclusivamente a religião catholica-romana. E' menos livre que a portugueza quando admite certas e determinadas congregações.

O que fez Waldeck-Rousseau? Agarrando-se ás leis estabelecidas, expulsou, ou tenta expulsar, as congregações não admittidas nem auctorizadas, submettendo ainda as restantes a certas restricções.

O que fez Hintze Ribeiro? Extinguu as leis existentes admittindo que entre nós se venham estabelecer congregações.

O governo da republica franceza tomou as leis existentes como ponto de partida para deante. O governo da monarchia portugueza tomou as leis existentes como ponto de partida para traz. A notar a circumstancia de que em França o clericalismo é poderosissimo e está de ha muitos annos triumphante, e de que em Portugal o clericalismo não tem força nenhuma—pode-se dizer em relativo—e está de ha muitos annos vencido. Só lhe deu força uma beata, que todos nós conhecemos, e só lhe deu dar o sr. Hintze Ribeiro que é por demais conhecido.

Este é o facto.

Só uma besta póle ter a audacia de comparar a situação de Portugal com a situação da França, em sentido de desfavoravel para a republica franceza.

E por hoje nada mais.

#### JULGAMENTO

Julgou-se na terça-feira pela segunda vez o crime de homicidio ha tres annos praticado no lugar da Horta, freguezia d'Eirol.

Eram tres os criminosos a julgar: os dois irmãos Vareiros, e a Joanna Maluca.

Dos irmãos Vareiros foi defensor o nosso amigo dr. Jayme Duarte Silva, que produziu um bello discurso de defeza, analysando por tal forma os fundamentos da accusação, que o jury deu a pena por expiada aos irmãos Vareiros.

Ao nosso amigo os nossos cumprimentos por mais este triumpho.

O «Correio Nacional», orgão do Frei José dos Quarações, quer que em todas as capitães de districto se organisem associações fradesças sob o nome de centros nacionaes.

Sim, sr. cardeal patriarcha?!

#### JUNTA DA BARRA

Já não vem para o lugar de director das obras da barra o engenheiro ajudante Manuel de Souza Machado Junior, que, por despacho de 15 do corrente, havia sido mandado fazer serviço ás ordens da Junta da Barra d'Aveiro, sendo exonerado d'esta commissão pelo facto de ter requerido e lhe ter sido concedida passagem á situação de licença illimitada.

O beaterio distribuiu no passado domingo, nas missas do convento das Trinas, em Lisboa, um pequeno quarto de papel em que se lia o seguinte, impresso:

*Oração composta pelo Papa Pio IX e que este Santo Padre resava todos os dias pela França e agora se pede se rese por Portugal.*

O' Maria concebida sem peccado, olhae para Portugal, rogae por Portugal, salvae Portugal. Mais culpado elle é e mais necessidade tem da Vossa intercessão. Uma palavra dita por vós a Jesus e Portugal será salvo. O' Jesus, obedecendo a Maria, salvae Portugal!

Ora ali está um remedio que, se ha mais tempo fosse conhecido, teria poucado a Portugal todas as difficuldades em que se tem visto, por exemplo, por causa da divida externa... Bastaria só que os ministros da fazenda recitassem com fervor as magicas palavras que acima ficam, e a ira dos credores seria immediatamente placada.

Tadinhas...

#### Socorros a naufragos

Na sua ultima sessão, deliberou a commissão de socorros a naufragos mandar construir na costa de S. Jacintho, lado norte da nossa barra, a casa para o salva-vidas.

Vamos a ver se ainda surge mais algum embarço á deliberação agora tomada.

## Cartas d'Algueres

25 DE ABRIL.

Começaram, começaram elles! Já falam desdenhosamente de nós. Já nos tratam, com superioridade fidalga, por jacobinos.

Eu esperava-os. Os leitores bem viram. Eu esperava-os. A mim não me illudiram elles, como, de resto, não illudiram nenhum espirito experimentado e culto.

Não faltaria mais nada, senão sermos ainda illudidos por esta escoria do mundo intellectual e moral. Isso não. A corja póde vencer pela força, mas não persuade pelo sophisma, nem ludibria pela chicana. Essa consolação quero eu ter. Outros a quereão ter como eu.

Salvemo-nos ao menos d'essa vergonha.

Jacobinos! Eu chego a achar graça ao desdem com que os safardanas de todas as categorias empregam esse termo. E lembrome do Leonardo Torres. O Marianno chamava-lhe o Leopardo. Com aquella troça agurotada que tem feito as delicias de duas gerações de moicanos, de moicanos ridiculos, de insignificantes, d'impotentes, de vadios sem genio e sem alma, garotos de circo e praça de toiros, Marianno challeava com Leopardo para aqui e Leopardo para alli. Mas o Torres respondia sempre triumphantemente: Leopardo sim, ladrão não. E o Torres com a sua falta de graça tornava amarello o riso engraçado do Marianno e de toda a vadiagem que o applaudia.

O Leonardo Torres triumphava. O riso do Marianno seccava-lhe nos labios.

Leopardo sim; ladrão não. E o consciencia nacional achava razão ao Leonardo e estava do lado d'elle.

Assim podemos responder, nós, os jacobinos.

Somos malucos? Temos a mania da libertação da consciencia humana? Oh diabo, mas antes essa que a mania de metter as mãos nos cofres publicos, ou a de pôr a satisfação dos vicios acima de tudo.

Nós seremos malucos. Mas elles são malandros!

Leopardo sim; ladrão não.

A respeito de manias, como todos as teem, bem se póde dizer que ter a melhor é ser o mais bem constituido ou feliz. Ser ladrão é uma mania, ser assassino é outra, ser devasso é outra, ser impostor, trapaceiro, hypocrita, ignobil, malandro, é outra ainda. Se os sábios não mentem, tudo são pancadas na mola.

Qual era a pancada dos jacobinos? Amar a humanidade? Sacrificar tudo a esse amor? Imaginar que a perfeição humana se conseguia com um decreto? Oh diabo, pois essa pancada não era melhor que a de sacrificar a humanidade ao desejo insaciado de luxo e gosos pessoas? Oh diabo, pois então ter orgulho em andar de mãos limpas não é melhor que o cynismo de andar por toda a parte a mostra-las todas sujas?

Oh corja, zangar-se um homem com a perfidia, revoltar-se contra a hypocrisia, indignar-se com a mentira não é mais nobre, mais altivo, mais humano, que fazer gala de perfidia contra per-

fidia, mentira contra mentira, infamia contra infamia?

Essa figura de Robespierre, talvez allucinada, talvez cega, talvez feroz na sua cegueira, não é incomparavelmente mais nobre na sua idéa fixa de levantamento moral e regeneração pelos principios, mais levantada na coragem dos seus actos e na expiação das responsabilidades do que as figuras de todos estes tratantes da politica portugueza que matando, envenenando, perseguindo, prejudicando, no fundo, mais do que Robespierre, affastam pela baixeza, repugnam pela covardia, enjoam pela imbecillidade?

Pois o mais infimo d'esses jacobinos da grande e gloriosa revolução não abafa com a sua estactura a figura pygmaica de qualquer Hintze da patria portugueza dos tristes dias que decorrem?

Imbecis! Fornidaveis imbecis!

N'uma das comarcas d'estes sitios em que resido acaba de fallir um conhecido negociante de modas. Chamados os crédores, verificam estes que entre os caloteiros só o agente do ministerio publico, n'uma das taes comarcas, figura com a enorme verba de 900:000 réis! Nove centos mil réis devia a justiça só n'aquelle estabelecimento da terra! A justiça primava em mudar de figurinos todos os mezes! A justiça era elegante! A justiça gosava! A justiça só queria que o seu representante fosse um bem aventurado, um *enfant gaté*, um dandy! A justiça só por troça falava no tribunal em virtude, em brio, em honra, em direitos e em lei! A justiça só por irrisão via amanhã estigmatizar aquelle fallido se os crédores o arremessarem ao banco dos réos! Mas se o fizer, ide vêr a cara do seu representante, do seu dandy, do seu bem aventurado, do menino bonito das damas, do cidadão respeitavelmente cumprimentado pelos burguezes, paternalmente tratado pelo bispo, grave e dignamente acolhido pela magistratura, pela burocracia, por tudo quanto póde, manda e pesa. Ide vêr. Ide vêr. Cara severa. Phrase indignada. Gesto largo. Bocca cheia de verdade. Pulmões golphando indignação e virtude.

Ide vêr, ide ouvir, que vereis e ouvireis uma synthese.

Sim, uma synthese. E' aquillo que nos trata a nós desdenhosamente por jacobinos. E' aquillo que nos governa e que nos manda.

Eu conheço-o. E' aquillo mesmo. Aquillo, que é symbolo da moderna justiça, da moderna sociedade portugueza.

E' aquillo que nos chama jacobinos. E' elle e, atraz d'elle, o official de diligencias. E, atraz do official de diligencias, o carcereiro.

Quando eu passo, o official de diligencias diz desdenhosamente: E' um jacobino.

Um jacobino é um homem que não tem elegancia, nem tom, nem representação, nem juizo. E não tem juizo só porque a mania d'elle é uma mania diferente da de ser ladrão e pulha como quasi todos.

Os jacobinos não estão contentes com o decreto. Se estivessem não eram jacobinos.

Mas são malucos. Contentes com o decreto só está quem tem juizo.

O decreto é excellente. Sendo excelente, quem é que não ha de gostar d'elle?

Os jacobinos, está claro.

E esta palavra cahe do alto sobre nós como uma condemnação e um estygma.

Pois eu vou com o dicto do Leonardo Torres que Deus haja: Leopardo sim; ladrão não.

E para a semana falaremos com mais vagar, se o houver.

A. B.

#### Luiz Regalla

Retiram d'esta cidade para a praia do Forte, onde permanecerá durante algum tempo em convalescença dos seus soffrimentos, o sr. dr. Luiz Regalla.

Estimaremos que s. ex.<sup>a</sup> volte em breve, completamente restabelecido dos seus incommodos.

E' amanhã o anniversario da outorga da Carta.

Por este motivo ha feriado em todas as repartições publicas.

#### Coherencia reaccionaria

A *Palavra*, jornal portuense retintamente reaccionario, referindo-se ao decreto de 18 do corrente, affirmou que: «A conclusão que d'esse decreto se deve tirar é esta:—ficam extinetas as congregações religiosas em Portugal.» Depois, saiu-se com mais esta: «Este decreto, apesar de ser um triumpho para a sua causa, não satisfaz os obreiros do mal. Querem mais: querem a completa extineção das congregações religiosas. Para isto trabalham, para isto estão empregando esforços. Não o conseguiram agora, porque a campanha, por elles preparada, não deu os resultados que esperavam, graças á sua inexperiencia.»

E' como a historia do—era, não era no tempo da era. Extinguiu, não extinguiu, que é como quem diz nem sim, nem não, antes pelo contrario.

Ora estes pataratinhas de Deus andavam bem melhor se tratassem das bombas, que é officio leve.

Mas ainda por aqui não ficaram as mutações do orgão da reacção portuense. A *Palavra* veio com mais esta:

«Se não luctarmos, se não tivermos uma força poderosa para oppôr ás tramas dos nossos inimigos, os dias das congregações religiosas em Portugal estão contados. D'aqui a seis mezes estará tudo liquidado.»

Mas como nem sempre faz chuva, nem sempre faz sol, depois de tantas alternativas de coragem e de desalento, a *Palavra* viu luzir no futuro este raio de esperanza ameaçadora:

«E' possivel que, dentro de dois annos, o partido catholico esteja formado. E, se estiver, não será por certo, para combater a monarchia constitucional...»

Tem graça, muita graça, o diabo do orgão. Mas está desafiado.

#### A's phylarmonicas

Vende-se um Bombardino de quatro pistões em bom estado. Quem o pertender dirija-se a Antonio Vicente Ferreira—Aveiro.

O proletariado aveirense prepara-se para festejar o dia primeiro de Maio. Os seus festejos serão modestos, é verdade, mas sympathicos, como sympathica é sempre a lucta pela realisação d'uma idea, quando essa idea se impõe como uma necessidade imperitavel, como uma aspiração justa a uma época mais feliz.

Para o proletariado universal o 1.º de maio é um dia solenne. E' indubitavelmente o dia mais solenne de toda a sua vida de trabalho e canceiras, porque o trabalho suspende-se e nas suas canceiras quotidianas abre-se um parentese d'algumas horas que tem um fim nobre, uma applicação digna: protestar e reclamar. Mas os seus protestos são accetaveis e as suas reclamações ordeiras.

Ha 48 annos affirmava Louis Reybaud, que fallar do socialismo era pronunciar uma oração funebre. Que a sua affirmativa era um engano, embora quasi geral n'essa época, provam no eloquentemente os factos d'hoje. Bem se poderia talvez dizer hoje, que fallar do socialismo é pronunciar uma oração de vida, de aspirações justas, insoffridas, que brotam vibrantes da alma opprimida das classes trabalhadoras, como da humilde violeta o perfume que aromatiza os logares mais despresados dos bosques.

Mas que vem a ser o socialismo?

Proudhon, depois das famosas jornadas de junho de 1848, respondeu com firmeza ao presidente do tribunal que o interrogava, que tinha ido contemplar «os sublimes horrores da canhonada.» Esta resposta altiva fez passar o espirito do interrogador por um momento de duvida. Não sois então socialista? perguntou-lhe o presidente do tribunal.—Sem duvida, senhor presidente, sou socialista.—Mas que vem então a ser o socialismo?—O socialismo é, respondeu Proudhon, toda a aspiração ao aperfeicoamento da sociedade.—Nesse caso todos nós somos socialistas, replicou o presidente do tribunal.—Assim o penso, concluiu Proudhon.

De facto. Seja qual fór a forma que o socialismo revista em nossos dias, o socialista é um obreiro do progresso; obreiro ás vezes obscuro, mas corajoso; obreiro quasi sempre despresado, quando as fadigas da vida lhe callejam as mãos com que auferem o magro sustento d'uma prole numerosa, mas obreiro digno, com o pensamento fixo no ideal do futuro, que o magnetisa e deslumbra.

Os festejos do 1.º de Maio são uma synthese complexa. Aos hymnos, ao sentido entusiasmo do proletariado veem juntar-se, n'uma alliança festiva, os reverberos longinquos d'uma idea,—a idea do progresso.

Bem haja a classe operaria aveirense por se associar á celebração do 1.º de Maio. Mas não basta só que os nossos operarios se associem. Associar é o menos; é alguma coisa já, mas é pouco. Sentir, comprehender é tudo. A' associação é preciso juntar o estudo, o estudo que unifica, a reflexão que consolida. Sem elle, todas as manifestações são posti-

cas, insignificativas, porque não são sentidas.

Mas o progresso não é uma palavra vã. E o espirito, como o homem, como as sociedades estão sujeitos á sua lei.

Celebrai, pois, que cada celebração marcará um passo na estrada infinita do progresso.

#### Desastre fatal

Na sexta-feira, pelas 8 da manhã, quando José Casaca, da Beira-Mar, atravessava n'um barco moliceiro a ria, proximo ás Pyramides, para vir buscar um seu filho, sobreveio um furacão que, apanhando o pelo bordo opposto áquelle em que o Casaca barqueava e impellindo-o para cima da vara, fê-lo cair á agua, mas em tão má hora que morreu afogado, não obstante os esforços que o filho, lançando-se á agua, fez para o salvar.

José Casaca era um homem trabalhador e estimado pelos companheiros de trabalho.

N'um *suelto* publicado no numero de domingo passado referimos ao de leve um facto que, com justa razão, a todos os espiritos profundamente liberaes deveria causar dolorosa impressão. Era nem mais nem menos o do conego Alves Mendes se ter enfileirado ao lado da reacção contra a liberdade. Não era, porém, verdadeira a affirmativa. Como o nosso collega portuense, onde respigámos a noticia, fomos tambem enganados. O Alves Mendes, que n'um papelucho de Braga vomitou as sandices de que demos um panno de amostra no nosso numero de domingo, nenhuma affinidade tem com o conego Alves Mendes a quem injustamente foram attribuidas, por um concurso de circunstancias que a clericalha preparou.

E já que foi o nosso collega portuense, *O Norte*, que nos forneceu os elementos para o *suelto* que publicámos, seja d'elle tambem a rectificação do caso.

Sobre elle, e entre outras cousas, diz *O Norte*, no seu numero de sexta-feira o seguinte:

O *Correio Nacional* de 6 do corrente sob a epigraphe «Em defeza da Liberdade de Associação» publicou o infecto artigo a que nos referimos sob a assignatura: *Alves Mendes*. A jesuitada do *Correio* sabia bem que ao conego sr. Alves

Mendes se attribuiria o artigo; mas como lhe convinha que o nome d'este sacerdote apparecesse defendendo as congregações, deixou-o jesuiticamente correr mundo.

A clericalha de Braga que lê pela mesma cartilha e a quem agradava o pratinho picante de tanta insolencia contra a imprensa republicana, lançou o artigalho em publico para gaudio do beaterio, allegando que o escrevera o conego sr. Alves Mendes.

E para que d'isso não restassem duvidas, na correspondencia de Braga, publicada no dia 13, pelo orgão reaccionario do Porto, affirmava-se que assim era.

O conego sr. Alves Mendes pediu ao *Correio* por intermedio de pessoa amiga que esclarecesse o caso, obtendo como resposta, que tendo fallecido a mãe do director do papel e podendo o jornal ficar mal collocado, esperasse a rectificação. Reclamou de novo e em data de 15, responderam-lhe que o artigo fóra escripto por um sr. Alves Mendes, de Leiria, e que no dia seguinte apparecia declaração no *Correio* sobre o caso, para que assim podesse fazer desmentir a affirmação da clericalha que, se sabia do caso, fingiu ignorar-o para as suas conveniencias.

Ora ali está como a clericalha procede. O *Correio Nacional* bem sabia que as baboseiras a que deu gostosa publicidade não eram obra da penna do conego Alves Mendes: convinha-lhe, porém, que assim o acreditassem, e conseguiu-o. Conseguiu-o propositadamente jesuiticamente, não obstante as reclamações reiteradas do conego Alves Mendes que a tempo, e muito a tempo, instou pelo esclarecimento da jesuitica perfidia.

O caso está esclarecido, e aqui fica a rectificação ao nosso *suelto*.

Sempre os mesmos, sem olharem aos meios para conseguir os fins!

Não degeneram.

#### THEATRO LISBOENSE

Representou-se n'este theatro, no sabbado passado, o apparatuso drama em 5 actos e 8 quadros, *Os dois garotos*.

Os espectadores eram *au grand complet*.

Pelas 4 horas da tarde, já não havia um unico bilhete na bilheteira. Todos os logares estavam tomados, pois havia grande anciedade de vêr o desempenho do emocionante drama, que ha annos tanto occupou a imprensa e os tribunaes.

Sob o ponto de vista litterario, *Os dois garotos* são um pouco inferiores ao *Fanfan*. Teem,

um dos seus mais formosos doutores, que amava Rebecca como sua propria filha e, segundo se dizia, lhe communicara os segredos que recebera de seu pae nas mesmas circunstancias. A sorte de Miriam fóra morrer em sacrificio ao fanatismo da epoca; mas os seus segredos haviam sobrevivido na sua habil discipula.

Rebecca assim dotada com saber e formosura, era universalmente venerada e admirada por toda a sua tribu, que a considerava como uma d'essas mulheres excepcionaes mencionadas na historia santa. Seu pae mesmo, associando a uma affeição illimitada um involuntario acatamento dos seus meritos, permitia-lhe uma liberdade mais ampla do que os costumes judeus ordinariamente permitiam ás pessoas do seu sexo, e, como acabamos de ver, muitas vezes se deixava guiar pela opinião d'ella de preferencia á sua.

Quando Ivanhoé chegou á habitação d'Isaac estava ainda sem sentidos em razão da grande quan-

porém, o mesmo fundo. E' o mesmo desenrolar da acção, e as situações dramaticas flagrantemente identicas.

Mesmo para os que puderam estabelecer confronto, o desempenho que a companhia deu aos *Dois garotos*, produziu agradável impressão. Papeis houve até, que foram desempenhados com consciencia e bastante arte, como o de Jacques Criquet, o de condessa Helena, na scena violentissima com seu marido, o conde Jorge de Bellisle, e o de Claudino.

No domingo repetiu-se a mesma peça. Nada justifica melhor o agrado do publico do que as *reprises*. Pois o theatro encheu-se, mais uma vez e todos os interpretes foram applaudidos.

Na quinta-feira cantou-se o *Burro do sr. Alcaide*. Distinguiram-se Domingos, Santos, Victor, Henriques e Lola.

O burro do amigo Antonio, sem offensa, já se vê, porque o burro é d'elle, fez um figurão. Pena foi que não cantasse em scena, como cantou entre bastidores. Seria a musica do burro ao vivo, sem substituições nem transposições. Merecia bem uma chamada especial. Já agora para outra vez.

#### Notas falsas

Tanta coisa por causa das notas falsas de 20\$000 réis, tantas precauções tomadas, tanto trabalho em recolher as do antigo modelo para deixar só em circulação papel corrente, de lei, para afinal apparecerem já imitações do novo modelo.

Dizem que são fabricadas em Hespanha.

As primeiras appareceram nos concelhos de Vimioso e de Mogadouro. O administrador d'este ultimo capturou já um tal Thomaz Alonso Rodriguez, negociante de gado.

De maneira que isto de notas falsas é quasi como a historia do rei morto, rei posto: vão-se umas, veem outras.

As *Novidades*, dando, no seu numero de 22 do corrente, noticia de que a *União Liberal* resolvera propôr á assembleia geral a conveniencia de se acatar o decreto de 18, e de se constituir em «comissão permanente, para vigiar e fiscalisar a sua execução», —sáem-se com o seguinte

alvitre, que aqui deixámos textualmente reproduzido, para que melhor se possa apreciar:

«Em nosso parecer, a *União Liberal* deveria constituir-se em associação religiosa, nos precisos termos do decreto de 18 do corrente. Será obra muito simples. A *União Liberal* pouco mais terá a fazer do que reduzir a artigos de estatutos o bem elaborado manifesto, que dirigiu ao paiz em geral e ao clero secular em especial. Até convinha muito, que a *União Liberal* fosse a primeira a aproveitar-se, para esse fim, das faculdades contidas no decreto. As congregações religiosas talvez estejam com vergonha de ir na frente, e a *União Liberal* poderia dar-lhes o exemplo e abri-lhes o caminho. Seria uma obra de caridade, que teria a sua recompensa no céu. Ora reflectam, sem necessidade de trazerem a publico as meditações, e talvez concordem connosco. Se tivéssemos voz preponderante no Capitulo, não hesitaríamos um instante. Dentro de oito dias, o pedido de auctorisação e o projecto de estatutos estariam nas mãos do governo.»

Foi isto dito em artigo do fundo, sob o titulo—*Propaganda e vigilancia*, e, por conseguinte, foi dito a sério, muito a sério. E, francamente, por mais estapafurdio que o alvitre pareça, desde que os liberaes do Porto tiveram a ingenuidade de recorrer ao bispo, pedindo-lhe a sua interferencia na questão jesuitica, não seria caso para espantar, vermos d'um dia para o outro a *União Liberal* a funcionar como associação religiosa, nos precisos termos do decreto de 18 do corrente. O ponto estava em aceitar o alvitre que as *Novidades*, muito a sério, muito paternalmente lançaram á luz da publicidade.

Mas nós muito a sério tambem o dizemos: as *Novidades* sáem-se ás vezes com cada uma, que nem cabos de verrma.

Fazer da *União Liberal* uma associação religiosa!

E á conta já as *Novidades* lhe iam prometendo uma recompensa no céu.

Só lhes faltou indicarem o bispo do Porto para presidente.

Por causa do incremento que nos Açores está tomando o movimento de protesto contra a reacção, foi addiada a viagem real. O facto prestava-se a commentarios, mas não os fazemos, cá por coizas.

mo para as mãos de qualquer outro physico, fosse elle da sua propria tribu, com medo de se descobrir o seu valioso segredo; e a outra foi que o cavalleiro ferido, Wilfredo de Ivanhoé, era o intimo favorito de Ricardo Coração-de-Leão, e no caso em que o monarca regressasse, Isaac, que com os seus thesouros auxiliara o principe João nos seus projectos de revolta, precisaria muito de um protector poderoso junto de Ricardo, como era Ivanhoé, que gosava das suas boas graças.

«O que tu dizes é a pura verdade, Rebecca, disse Isaac, cedendo áquelles poderosos argumentos; seria com effeito uma offensa aos céos revelar os segredos da bama-venturada Miriam, pois os beneficios que elles nos concedem não se devem desperdiçar á doida com os outros; ou sejam talentos d'ouro e siclos de prata, ou os mysteriosos segredos de um sábio physico, —certamente, devem ser guardados por aquelles a quem foram concedidos pela Providencia. E quan-

#### Bibliographia

**Catecismo Moderno, excommungado pelo Santo Padre.**

Merece ser lido por todos. Custa apenas 50 réis. E' excellente de espirito, logica e verdade.

Moderno, como diz o editor, porque a verdade é sempre nova. De resto a primeira edição foi publicada no seculo VIII, sendo por esse lado a obra antiquissima, o que mais lhe augmenta o valor.

**Jesus Christo, seus apóstolos e seus discipulos no seculo XX,** pelo conde de Camille de Rennes, traduzido em portuguez e editado pela benemerita casa Tavares Cardoso & Irmão, que tem lançado ultimamente excellentes livros no mercado. Este é um d'elles.

Christo não é apresentado neste livro com todo o rigor historico.

Mas o auctor presta um relevante serviço cotejando os evangelhos e mostrando por elles a falsidade das actuaes doutrinas catholicas romanias.

E' muito bom livro. Deve ser lido por todos que desejem educar-se.

**Guia dos Regedores e das Juntas de Parochia.**—Recebemos editada pela *Bibliotheca popular de Legislação*, de Lisboa.

E' um livro muito indispensavel ás auctoridades parochiaes. Agradecemos.

## ANNUNCIOS

### NOVO HOSPITAL DE AVEIRO

#### ANNUNCIO

A comissão Edificadora do Novo Hospital d'Aveiro, faz publico que, a contar d'hoje em diante, se acha aberto o curso por o prazo de 30 dias, para a arrematação do edificio a construir para a casa d'administração do referido hospital, sendo a base de licitação de réis 7:050\$000.

Os concorrentes são obrigados a fazer um deposito provisorio de 5 p. c. do valor da empreitada, em metal ou papeis de credito da divida publica fundada, e um deposito de 10 p. c., caso lhes seja adjudicada a empreitada, sendo este deposito feito nas mesmas condições do provisorio.

As condições d'arrematação, caderno de encargos, projecto, etc., acham-se patentes todos os dias uteis em casa do sr. Domingos José dos Santos Leite em Aveiro.

Aveiro, 20 de abril de 1901.

O Presidente da Commissão,  
Visconde da Silva Mello.

to a esse que os nazarenos de Inglaterra chamam Coração-de-Leão, sem duvida seria melhor para mim cahir nas garras de um possante leão da Iduméa do que nas suas mãos, se elle vier a certificar-se das minhas relações com seu irmão. Rendeu-me-hei, pois, á tua opinião: esse mancebo irá connosco para York, e a nossa casa será a casa d'elle até que as suas feridas estejam saradas. Se o Coração-de-Leão regressar, como agora corre lá por fóra, será este Wilfredo de Ivanhoé para mim um muro de defeza, quando o rei desabafar a sua ira sobre a cabeça de teu pae; e se elle não voltar, Wilfredo poderá, apesar d'isso, reembalsar-nos as nossas despesas quando ganhar thesouros com a força da sua lança e da sua espada, como fez hontem e hoje. Porque elle é um bom moço, empre o que promete, restitue o que pediu emprastado e soccorre o israelita (que o diga o filho de meu pae!) quando o vê entre as mãos de bandidos poderosos e de filhos de Belial. (Continúa.)

## IVANHOÉ

ROMANCE POR WALTER SCOTT  
CAPITULO XXVIII

De resto, é provavel, considerando as curas maravilhosas que se lhes attribuiam, que os judeus possuíssem certos segredos da arte de curar peculiares á sua raça, e que, fieis ao espirito esclusivo proveniente da sua condição, tivessem todo o cuidado occultal-os aos christãos entre os quaes residiam.

A formosa Rebecca fóra desveladamente educada em todos os conhecimentos peculiares á sua nação, os quaes a sua intelligencia viva e forte havia retido e ampliado muito além do que poderia esperar-se da sua idade e do seu sexo. Os seus conhecimentos de medicina e da arte de curar adquirira-os de uma velha judia, filha de

# AO COMMERCIO E AO PUBLICO

**ALBINO PINTO DE MIRANDA**, gerente da casa de **Manuel José de Mattos Junior—o MANUEL MARIA**—d'esta cidade, faz publico que sendo agente d'uma casa commercial de Lisboa, tem para vender em boas condições para o commercio café crú de diversas marcas, café torrado em grão e moído, avulso e empacotado, por preços muito baixos, rivalizando com vantagem com as casas congêneres do Porto. As vendas são a prazo, e sendo a prompto pagamento têm desconto.

Na casa de que é gerente, além dos generos acima mencionados, vendidos ao publico com muita vantagem, tem em saldo uma grande quantidade da louça de Sacavem que vende com 15 p. c. de desconto da tabella da fabrica e alguma com 20 p. c. Tem o deposito dos vinhos da Companhia Vinicola, composto de todas as marcas, não exceptuando o bello *Champagne*.

Ha tambem vinhos de outros armazens do Porto, das marcas mais acreditadas, por preços rasoaveis, fazendo grandes descontos para revender.

Deposito de adubos chimicos para todas as culturas e por preços vantajosos.

**Armazem de vinhos da Bairrada, que vende a 60 réis o litro, tinto; branco a 100 e 200 réis, sendo para consumir em casa do freguez.**

Tem mercearia bem sortida. Vende sulfato de cobre e de ferro, chumbo para caça (pelo preço do Porto, sendo por caixa de 30 kg.), bolacha e biscoito das principaes fabricas do paiz, conservas e massas alimenticias, petrechos para caçadores e objectos para escriptorio, aguardente de vinho, cereaes e alcool, com grandes descontos para revender, e muitos outros artigos impossiveis de mencionar.

Encarrega-se da compra ou venda de qualquer mercadoria mediante commissão.

Rua Direita (Largo do Manuel Maria)

**AVEIRO**

**FERRAGENS**, zinco, chapa zincada, chumbo em barras e em pasta, estanho, prégos, para fusos, pás de ferro, arame zincado, tintas preparadas e em pó vernizes, óleo, aguarraz, alcool, brochas, pinceis, cimento sulfato de cobre e de ferro, chloreto, enxofre, gesso de estuque, vidraça, telha de vidro, chaminés e torcidas para candieiros, papelão, artigos de mercearia e muitos outros.

A' venda no estabelecimento de

**Domingos José dos Santos Leite**

**RUA DO CAES**

**AVEIRO**

**NOVA ALQUILARIA**

DE

**MAUEL PICADO & PEREIRA**

(Antiga casa de Fernando Christo)

N'esta casa contida a haver carros de aluguer, servindo-se os freguezes com a maior regularidade e economia de preços.

Vende-se palha sarrotada para gado.

Rua da Alfandega—AVEIRO

## MAIS UM TRIUMPHO!

As machinas para coser da Companhia **SINGER** obtiveram na Exposição de Paris de 1900 o mais alto premio, **Grand-Prix**.

E' mais uma victoria junta a tantas outras que estas excellentes e bem construidas machinas tem alcançado em todas as exposições.

**AVEIRO**

**75—RUA DE JOSÉ ESTEVÃO—79**



### Carimbos de borracha

OS MAIS NITIDOS, PERFEITOS E DURA VEIS

Para industriaes, commerciantes, particulares e repartições publicas.

Fazem-se com promptidão e por preços modicos, na officina de guardasoes e candieiros, de

*M. G. Soares dos Reis*

**19—R. dos Mercadores—23**

**AVEIRO**

### SEM DOGMA

Notabilissimo romance, em 2 volumes, de H. Sienkiewicz, auctor do

### QUO VADIS?

tradução de EDUARDO DE NORONHA

**300 rs. cada volume 300**

A' venda o 1.º volume, com uma capa a cores, na Secção Editorial da Companhia Nacional Editora, Largo do Conde Barão, 50—LISBOA.

### POVO DE AVEIRO

Este periodico vende-se todas as segundas-feiras na tabacaria **MONACO**, á Praça de D. Pedro—Lisboa.

### ALMANACH HACHETTE

PARA 1901

Já se acha á venda na livraria **Mello Guimarães**, d'esta cidade.

GRANDE NOVIDADE LITTERARIA

### Os Mystérios da Inquisição

POR

**F. GOMES DA SILVA**

Obra illustrada a cores por **Manuel de Macedo e Roque Gameiro**.

Nos *Mystérios da Inquisição* descrevem-se horrores que agitam affictivamente a alma, scenas que fazem correr lagrimas, escarpellam-se figuras d'outros tempos, encadeiam-se acontecimentos dispersos e tenebrosos, fastiga-se a hypocrisia, enaltecem-se as grandes virtudes, faz-se rebrilhar a verdade e põem-se em relevo todos os personagens que entram n'este grande drama, em que vibram commoções da maior intensidade e affectos do mais exaltado amor.

*Precioso brinde a todos os senhores assignantes:* Uma magnifica estampa esplendidamente colorida, medindo 0,55x0,44, a qual representa uma das scenas cuja recordação ainda hoje nos é grata e que o nosso coração de portuguezes ainda não pode olvidar.

Os pedidos de assignaturas podem ser feitos á *Companhia Nacional Editora*—Secção Editorial—Largo do Conde Barão, 50, Lisboa—ou aos seus agentes.

### ATELIER DE ALFAETERIA

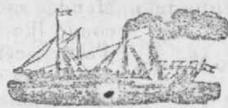
DE

**Joaquim Ferreira Martins** (O GAFANHAO)

R. da Costeira—AVEIRO

ESTE antigo e acreditado estabelecimento de alfaeteria encarrega-se de fazer com a maxima perfeição e barateza fatos para homem e creança, o que para isso tem um lindo sortimento de fazendas proprias para inverno.

Como estamos na estação do inverno tambem lhe acaba de chegar um grande sortimento de fazendas para varinos.



## BRAZIL, PARÁ E MANAUS

**Pernambuco. Bahia. Rio de Janeiro, Santos e mais portos do Brazil**

Passagens de 1.ª 2.ª e 3.ª classes, em todas as companhias de paquetes por preços muito reduzidos. Vapores a sahir de Leixões e de Lisboa.

As passagens tomadas n'esta casa gozam de todas as regalias e abatimentos concedidos pelas respectivas companhias aos srs. passageiros.

Esta agencia encarrega-se de solicitar passaportes e de obter no Porto e nas provincias, com a maior modicidade e rapidez, todos os documentos necessarios para os mesmos.

### AFRICA OCCIDENTAL

em 1 e 21 de cada mez.

Para mais esclarecimentos dirigir-se directamente aos agentes habilitados em harmonia com a lei.

*Abel Paulo & Pereira.*

**59—Praça da Batalha—PORTO.**

(Em frente ao governo civil)

### ARMAZENS

DA

## BEIRA-MAR

DE

**MANUEL GONÇALVES MOREIRA**

PRAÇA DO COMMERCIO, 19 A 22

R. DOS MERCADORES, 1 A 5

### AVEIRO

D'aqui levarás tudo tão sobejo (Luz. Cam.)

Preços fixos

VENDAS SO A DINHEIRO

### CONFECÇÕES:

Fazendas de novidade de lã, linho, seda e algodão.

Camisaria, gravataria, livraria, papelaria e mais objectos de escriptorio.

Officina de chapellaria. Chapéus para homem, senhora e creanças. Centro de assignatura de jornaes de modas e scientificos, nacionaes e estrangeiros.

Importação directa de artigos da Madeira: obrs de verga, bordados, rhum e vinho (qualidade garantida).

Unico deposito dos vinhos espumosos da Associação Vinicola da Bairrada.

Representante da casa **Beirão**, de Lisboa, encarrega-se de mandar vir bicyclettes **Clement** e machinas de costura **Memoria**, bem como todos os accessorios para as mesmas.

Louças de porcelana, quiuquilharias, bijouterias, perfumarias (importação directa).

Flôres artificiaes e corôas funerarias.

Ampliações photographicas. Eucadernações.

**N. B.**—Não se aviam encomendas que não venham acompanhadas da respectiva importancia.

### SAPATARIA AVEIRENSE

DE

## Marques d'Almeida & Irmão

**AOS BALCÕES**

Garante-se a perfeição e solidez. Preços modicos

### OFFICINA DE CALÇADO

DE

**João Pedro Ferreira**

**AOS BALCOES — AVEIRO**

NESTA antiga e acreditada

officina de calçado executa se com toda a perfeição tanto para homem como para senhora e creanças toda a qualidade de calçado que ha de mais chic.

Garante-se a solidez e economia de preço.